



**Westsächsische Hochschule Zwickau**  
University of Applied Sciences  
HOCHSCHULE FÜR MOBILITÄT | UNIVERSITY FOR MOBILITY



**Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation**  
Fakultät der Westsächsischen Hochschule Zwickau

## **15. Deutscher Lusitanistentag Zwickau**

**Sektion 7: Die Ausdehnung der klassischen Mythen in der epischen Erzählung**

**Secção temática 7: A distensão dos mitos clássicos na narrativa épica**

Sektionsleitung / coordenação:

Rafael Brunhara (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Marcos Machado Nunes (Ruhr-Universität Bochum)

**Stand / última atualização: 08/08/2023**

**Sala/ Raum: GAB 201**

**Abstracts / Resumos**

*Hélio Alves*

*(Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa)*

*4ª/Mi, 20/09/2023, 14h45*

### **Trânsito de Náiades e Nereides**

As ninfas viajam bem para a Ásia? Através de alguns exemplos de temáticas poéticas quinhentistas situadas no continente asiático, esta comunicação assinala algumas estratégias de celebração em verso que patenteiam dificuldades com a deslocação e transferência de náiades e nereides, nomeadamente no que tange à relação que essas entidades mitológicas greco-romanas passam a estabelecer com os novos lugares onde os poetas se comprometem a dar-lhes habitat. A poesia de Luís de Camões, quer épica, quer lírica, será o objecto central de estudo, com referência pontual a outros autores ou casos.

*Rafael Brunhara (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

*4ª/ Mi, 20/09/2023, 16h*

**"Monstro fero, não te espantes!" –**

**A Distensão do Mito na *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro**

Composta à sombra do grande poeta lusófono Luís de Camões e no período em que a coroa lusitana se encontrava submetida à coroa espanhola, *A Ulisseia ou Lisboa Edificada*, de Gabriel Pereira de Castro,

conta como o herói grego Ulisses, chegando às costas de Portugal depois da queda de Troia, fundou Ulisseia, que mais tarde será reconhecida como Lisboa. Nesse sentido, Pereira de Castro reencena os trechos mais significativos da Odisseia de Homero em molde camoniano, seja na forma - repetindo epítetos, versos inteiros ou passagens d'Os Lusíadas -, seja no conteúdo - compondo uma epopeia de caráter nacionalista que tem como ponto central a viagem marítima e reativando a tradição épica dos poemas de fundação. Entretanto, os cinco primeiros cantos do poema são, em grande medida, a refacção dos apologoi de Ulisses presentes na Odisseia de Homero, o que suscita a seguinte pergunta: a partir de quais expedientes e critérios o poeta português se vale para rearticular a narrativa em primeira pessoa das aventuras de Ulisses? Como ele concebe a linguagem e o caráter deste herói que, na Odisseia, se assemelha a um aedo, mas que se define substancialmente pelo ardil e pelo logro ("πολυμηχανία"), agora situado em uma epopeia cuja função é explicitar os feitos heroicos que levaram à fundação de Lisboa? Cremos que a análise dos mitos contados na primeira parte da Ulisseia podem nos dar uma pista disso: o poeta não só os reformula incorporando temática e forma de tradições posteriores à Odisseia de Homero (sobretudo a Eneida de Virgílio e Os Lusíadas de Camões, mas também gêneros poéticos distintos do épico), como também os elabora de maneira a atender expectativas de sua audiência e enfatizar a figura de Ulisses como o digno e heroico fundador dos Portugueses. Nesta leitura, nos concentraremos sobretudo no modo como é apresentado o episódio do Ciclope Polifemo no Canto III do poema.

**Entre mito e história –  
A epopeia nacional e o indígena americano**

Na modernidade, a História ocupou o lugar que o mito ocupava na epopeia antiga. Talvez a audiência dos poetas épicos Homero e Virgílio não considerasse verdadeiras as narrativas da guerra de Troia ou do destino dos heróis, vencedores ou vencidos; mas, apesar do questionamento de pensadores como Platão, no século IV a. C., elas faziam parte do passado dos povos helênicos e latinos. Depois de Dante Alighieri, os elementos míticos, sobretudo os que davam conta do tempo das origens, aqueles que não podiam ser medidos pela cronologia, foram paulatinamente excluídos. *A divina Comédia* é um poema épico cristão, mas seu protagonista é um ser histórico, e sua trajetória pelo Inferno procura atestar que os acontecimentos expostos e as personalidades cujas vidas são recuperadas não apenas eram verídicos, mas que o sujeito da enunciação que conduz a narração os vivenciara.

Em língua portuguesa, Luís de Camões sela a aliança entre o épico e o histórico, acompanhando a travessia marítima de Vasco da Gama. Para seus sucessores, lega a tarefa de levar adiante o projeto de transformar o passado e o presente lusitano em uma epopeia consistente e, ao mesmo tempo, reconhecível por seu público.

Os letrados da colônia americana arcaram com esse legado, e procuraram traduzi-lo em poemas que se apropriavam da história e dos

protagonistas locais. José de Anchieta e Bento Teixeira, depois Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Cláudio Manuel da Costa, em respectivamente *De gestis Mendi de Saa*, *Prosopopeia*, *O Uruguai*, *Caramuru* e *Vila Rica*, verteram para o mundo americano o projeto épico, privilegiando, como seus irmãos portugueses, o protagonismo lusitano. No século XVIII, uma nova figura gradativamente se impôs: o indígena. Seja por força da realidade histórica – a América tinha um contingente de povos originários cuja existência não podia ser negada –, seja por força das teses emergentes, como a do “bom selvagem”, atribuída a Rousseau, os habitantes do Novo Mundo foram incorporados às narrações propostas por aqueles autores.

Em nenhuma daquelas obras, o indígena ocupa a posição principal da trama: pode ser parceiro, até companheira como a Paraguaçu em *Caramuru*, ou – o que é mais frequente – inimigo, como Cacambo e, sobretudo, Sepé, de *O Uruguai*; mas não é o herói. Os poetas românticos, abraçando a cor do localismo e os princípios nativistas que pautavam o movimento, procuraram alterar essa equação, colocando o ator adjuvante em posição principal.

Depararam-se, porém, com os problemas histórico – os indígenas não podiam ser vencedores – e ideológico: a colonialidade do poder impedia-os de abrir mão de seu supremacismo étnico, mesmo quando seus ancestrais remetessem aos grupos nativos. Por isso, acabam por criar poemas épicos indianistas em que o mundo histórico é suprimido, como em “I Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, ou então cuja presença é ocasional, como em *Os timbiras*, do mesmo autor. Quando não é assim, os indígenas são os perdedores, como se verifica em “Tabira”, também de Gonçalves Dias, ou *A lágrima de um caeté*, de Nisia Floresta. Examinar esta contradição constituirá no tema da exposição proposta.

*Julia de Campos Lucena*

*(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Ruhr Universität  
Bochum, PROBRAL DAAD/CAPES)*

*5ª/Mi, 21/09/2023, 14h*

### **“Extinto povo americano”:**

#### **Voz indígena e reconstrução histórica em Gonçalves Dias**

Comentando a poesia de Gonçalves Dias, Antônio Candido escreve que, devido à superioridade de seus recursos formais, no poeta, o que era apenas forma se transforma em experiência. Nesta pesquisa, parte-se de uma proposta de inversão destes termos: a ideia de que, na poesia indianista de Gonçalves Dias, a experiência também busca tomar forma. Isso porque a produção indianista do poeta se diferencia por conter em seu núcleo uma intenção de reconstrução da voz indígena, na qual se identifica uma matriz da experiência indígena, ainda que imaginada. Posicionada no centro dos textos a partir da voz de seus narradores, a alusão à experiência indígena é um elemento diferencial que alude ao interesse do poeta pela etnografia e histórias indígenas, presente em sua biografia. Na ausência de um acervo mitológico identificado, essa experiência é reconstruída através aproximações com a literatura épica clássica e da apropriação de seus modelos mitológicos. Nas poesias narrativas de características épicas, como “Tabira”, “I-Juca Pirama” e a epopeia inacabada *Os Timbiras*, a transposição destes modelos (em situações narrativas como a presença de mensageiros, sonhos, entre outros elementos que remontam à *Ilíada* e à *Eneida*), tenta-se preencher o vazio e a ausência de fontes nacionais, e, simultaneamente, tenta-se dar

conta, dentro do modelo épico, de resolver um paradoxo indissolúvel da experiência indígena: seu herói é, invariavelmente, um herói vencido, fadado à ser extinto. Neste sentido, passando por considerações a respeito das tentativas de elaboração épica e histórica de vozes silenciadas, buscam-se destacar na obra indianista de Gonçalves Dias elementos de sua construção épica nos quais figuram interfaces e transposições, talvez até mesmo superações, da mitologia clássica, distendendo as possibilidades de utilização e elaboração dos mitos para a narração de personagens soterrados pela história.

*Marcos Machado Nunes (Ruhr-Universität Bochum)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 14h45*

### **Mito clássico e mito local na poesia épica brasileira do século XIX**

Nosso trabalho procura analisar os usos da mitologia na épica brasileira do século XIX, explorando as relações entre a mitologia clássica e as alternativas historicamente apresentadas para substituí-la no discurso épico: imaginário cristão, alegoria filosófico-moral e mitologia local. No caso brasileiro, esta última se manifestaria sobretudo através da ficcionalização poética do indígena, a meio passo entre figura histórica e mitológica.

Partindo de uma abordagem da épica que dá ênfase à centralidade, para o gênero, do acontecimento, entendido como ponto máximo de um evento numa escala de relevância culturalmente construída, e a intenção de referir textualmente a totalidade da cultura implicada, vemos como a

mitologia clássica é funcionalizada em conjunto com suas alternativas, cedendo cada vez mais espaço para a mitologia local. Essa mitologia, contudo, terá uma associação problemática com o acontecimento. Por sua vez, nos projetos mais ambicioso do período -- o *Colombo* (1866), de Araújo Porto-Alegre, e *O Guesa* (1884?), de Sousândrade) --, mito clássico e mito local ganham novos papéis e sentidos devido às reconfigurações de acontecimento e totalidade ali poeticamente ficcionalizados.

***Roger Friedlein (Ruhr-Universität Bochum)***

***5a/Do, 21/09/2023, 16h***

**Problemas da autorreflexividade na poesia épica brasileira:  
entre adaptação e abandono da mitologia  
como linguagem metapoética**

Esta comunicação propõe-se a sondar alguns problemas básicos referentes à dimensão autorreflexiva dos poemas épicos brasileiros do séc. XIX. Serão abordados os lugares de enunciação tradicionais de conteúdos autorreflexivos, e a sua referencialidade dupla, que põe em cheque a validade do discurso autorreflexivo no contexto ficcional. Um terceiro ponto refere-se à autorreflexividade *na* épica e *da* épica. Finalmente, será discutido como a poesia épica do séc. XIX desenvolve a mitologia clássica na sua função tradicional de fornecer uma linguagem literária para articulação de mensagens autorreflexivas, entre a opção de adaptá-la ao espaço brasileiro (caso da mitologia brasileira em *Vila-rica* ou *Goyania*, e também n' *O Guesa*), ou substituí-la por outras vias de articulação



autorreflexiva (como no *Poema do frade* ou n`A *Nebulosa*, e outra vez também n`O *Guesa*).

*Denise de Quintana Estacio*

*(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Ruhr Universität Bochum, PROBRAL DAAD/CAPES)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 16h45*

**A carioca: a ira da ninfa indígena em “O Almada”,  
de Machado de Assis**

No final dos anos 1870, Machado de Assis iniciou a escrita de um poema herói-cômico, cujo gênero contrasta um tom elevado a um tema trivial, inspirado nas obras *Le Lutrin*, de Nicolas Boileau-Despréaux, e *O Hissope*, António Dinis da Cruz e Silva. O poema, que nunca foi publicado em sua totalidade pelo escritor em vida, narra um episódio histórico envolvendo uma disputa entre o prelado e o ouvidor do Rio de Janeiro no século XVII colonial. Em meio ao tom paródico do poema, o autor fluminense confere destaque à paisagem natural da região em oposição à da cidade, espaço do colonizador. Nesse aspecto, destaca-se a estrofe XII do Canto II, em que o escritor apresenta a figura da Carioca que habitava o rio que não só dá nome aos nascidos no Rio de Janeiro, como foi por séculos a principal fonte de água para seus habitantes. Com a incorporação de uma lenda indígena – da mãe d’água que dotava quem bebesse suas águas de qualidades como a beleza para as mulheres e a virilidade para os homens – Machado ficcionaliza um mito local para compor uma figura que remete às ninfas clássicas das nascentes. Sob a influência da Ira que chega às

praias da Baía de Guanabara, a Carioca, de cabelos pretos e pele trigueira, tenta retomar o clima de guerra do tempo dos tamoios, apenas para ser derrotada pela preguiça de suas próprias águas. A natureza, indiferente aos desejos de homens e deuses, segue seu ritmo independente do tempo humano e da fadiga dos mitos. O tom melancólico da poesia machadiana mostra-se mais marcadamente nesses momentos de descrição da paisagem local, em contraste com os acontecimentos urbanos pouco heroicos narrados no poema, e revela, em sua incursão pelo gênero, o desencanto de mundo característico de sua obra da maturidade.

*Yuri Brunello (Universidade Federal do Ceará/CNPq)*

*5ª/Do, 21/09/2023, 17h30*

**Uma personagem em devir: o Virgílio de Dante no "Sul Global",  
de Gonçalves de Magalhães a Guimarães Rosa**

A presente contribuição pretende mostrar como a personagem de Virgílio modifica-se no contexto de ocorrências intertextuais, as quais envolvem o poema dantesco e que foram realizadas por autores da literatura dos séculos XIX e XX. Na primeira parte de *Episódio da Infernal Comédia*, de Gonçalves de Magalhães, sátira da *Comédia* de Dante publicada em 1836, Virgílio é ausente. O papel que exerce Virgílio na obra dantesca é ocupado por um fantasma, nas costas do qual está escrito o nome "Brasil". Como a referência ao Brasil de Gonçalves de Magalhães denuncia, autores do período romântico começam a ler de maneira nova o papel de Virgílio na *Comédia*. O poeta que acompanha Dante na sua viagem pelo inferno e pelo purgatório foi interpretado, ao longo dos séculos, sobretudo como

alegoria da razão humana. A partir do Romantismo, a situação muda. Virgílio não é mais do que uma alegoria de um princípio abstrato, mas passa a adquirir uma consistência concreta, mesmo que não deixe de ser uma alegoria. A “recriação” de Virgílio será uma constante da literatura dos séculos XIX e XX, como no *Guesa errante* de Sousândrade, onde uma “Voz do deserto”, em pleno “inferno” de Wall Street ocupa o lugar de Virgílio, ou como em *Grande Sertão: Veredas*, obra na qual a personagem Diadorim pode ser lida como Virgílio e – ao mesmo tempo – como Beatriz. Tal historicização ocorre sobretudo no caso de autores que se colocam conscientemente dentro de um discurso de fomento a uma literatura que seja expressão de uma cultura do “Sul Global”, como, por exemplo, Pier Paolo Pasolini. De volta ao contexto brasileiro, não é por acaso que a *La divina mimesis*, sátira da *Comédia* de Dante, publicada por Pasolini em 1975, apresenta elementos de contato com *Episódio da Infernal Comédia* de Gonçalves de Magalhães, a serem explorados aqui.